

significativa redução do risco ao longo do tempo de uso. Em razão da recente pandemia SARS-COV-2, uma maior flexibilização dos hemogramas foi proposta. Uma diretriz recente propôs a realização de hemogramas a cada 3 meses para aqueles em uso de clozapina há mais de 1 ano e que nunca tiveram neutrófilos abaixo de 2000/ μ L. Existem dois estudos avaliando a população latino americana e nenhum brasileiro quanto ao monitoramento de neutrófilos e uso de clozapina. O HCPA é uma instituição com assistência aos usuários de clozapina desde 1991. Objetivos: Investigar o risco de desenvolver neutropenia grave entre usuários e não usuários de clozapina com contagem de neutrófilos \geq 2000/ μ L durante o primeiro ano de seguimento. Métodos: Projeto aprovado 2020-0053. Feita a busca eletrônica de hemogramas de pacientes do HCPA que acompanharam em unidades para atendimento de transtornos mentais graves no período de 2005-2020. Feita regressão de Cox em duas análises, sendo o desfecho de ambas neutropenia grave. Na primeira as variáveis utilizadas foram sexo, idade, etnia, uso de clozapina e presença de contagem de neutrófilos \geq 2000/ μ L no primeiro ano de seguimento. Na segunda foi substituída a variável contagem de neutrófilos, por presença de doença médica grave no momento da neutropenia grave. Resultados: Foram incluídos 5847 pacientes (1038 em uso de clozapina). A presença de contagem de neutrófilos \geq 2000/ μ L no primeiro ano de seguimento foi significativamente um fator protetor para desenvolver neutropenia grave (hazard-ratio 0.01; IC 0.005-0.02), já a presença de doença médica grave um fator de risco (hazard-ratio 491; IC 237-1020). O uso de clozapina e as outras variáveis não foram significativas em nenhuma das análises. Conclusões: Estes resultados permitem afirmar que o uso de clozapina não aumenta o risco de desenvolver neutropenia grave naqueles que apresentam contagem de neutrófilos \geq 2000/ μ L no primeiro ano de seguimento, permitindo uma mudança no monitoramento hematológico desta população.

2645

GERAÇÃO Y (MILLENNIALS) E Z: DIFERENÇAS EM PSICOPATOLOGIA E ESPESSURA CORTICAL UTILIZANDO MODELOS CONSIDERANDO EFEITOS DE IDADE, PERÍODO E COORTE

DANIELLE SOARES TEIXEIRA; TAUANA TERRA; GIOVANNI SALUM
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

Existe uma percepção da sociedade de que as gerações mais novas têm maiores escores de problemas de saúde mental em relação a gerações mais velhas. Contudo, nenhum estudo investigou o efeito das gerações separando-o do efeito da idade e do período de avaliação, nem diferenças na espessura cortical entre gerações.

OBJETIVO

O objetivo deste estudo é investigar os efeitos de coorte, ajustados para efeitos de idade e período de avaliação, nos escores de psicopatologia e na espessura cortical, por meio de modelos capazes de separar as influências dessas três variáveis relacionadas.

MÉTODOS

Nossa população consiste na amostra da Coorte de Alto Risco para Transtornos Mentais na Infância. Participaram 2511 crianças e adolescentes na primeira onda (6 a 14 anos), 2009 na segunda, (9 a 18 anos) e 1646 na terceira (13 a 23 anos). Uma subamostra de 737, 462 e 394 possuem dados de imagem em cada uma das ondas, respectivamente. Para psicopatologia, utilizamos o escore total do Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ). Para a espessura cortical, utilizamos dados de ressonância magnética estrutural. Os anos de nascimento foram utilizados para separar dois grupos: geração Y (nascidos em 1996-1999) e geração Z (nascidos em 2000-2004). Com intuito de comparar os efeitos da geração nos desfechos de interesse, ajustando para a idade das coortes e o período de avaliação, nós utilizamos um pareamento por escore de propensão, garantindo que as duas gerações supracitadas teriam a mesma distribuição etária e mesmo período. Após pareados, os grupos foram comparados com modelos lineares mistos, ajustando pelo efeito aleatório do sujeito.

RESULTADOS

Um total de 395 observações foram incluídas nas comparações entre as gerações após pareamento no escore de propensão. Não houve diferença significativa nos escores de psicopatologia (14.5 vs. 13.6; diferença de médias=-0.94; $p=0.1$) ou na espessura cortical (0.016 vs. 0.015; diferença de médias 0.018, $p=0.15$) entre as gerações Y e X após o pareamento etário e de período de avaliação.

CONCLUSÕES

Ao contrário do discurso propagado pela mídia leiga de que gerações mais novas teriam maiores níveis de problemas de saúde mental, não houve diferença na psicopatologia entre as gerações após aplicação de métodos apropriados para comparações entre elas. Esses resultados trazem implicações sociais quanto ao discurso sobre saúde mental em jovens na última década e quanto ao impacto deste discurso sobre esta população.

2769

IMPULSIVIDADE EM USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS DE ACORDO COM O PERFIL LEGAL NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

ESTHER HERNÁNDEZ FANTIN; FELIPE ORNELL; DANIELA BENZANO; HELLEN JORDAN MARTINS FREITAS; ELLEN MELLO BORGONHI; JULIANA NICTERWITZ SCHERER; FELIX HENRIQUE PAIM KESSLER; FLAVIO PECHANESKY; JAQUELINE BOHRER SCHUCH; LISIA VON DIEMEN
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A impulsividade está associada a condutas de risco para com si mesmo como para com a sociedade, podendo facilitar a experimentação de drogas e o envolvimento com atividades ilícitas. Estudos prévios demonstraram que usuários de substâncias psicoativas (SPA) podem apresentar índices de impulsividade superiores à população geral, porém, não há estudos brasileiros comparando escores de impulsividade entre usuários de SPA com e sem histórico criminal.